

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2014. Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Encontro em Itália*

Autor: Liliana Lavado

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Épica Prima

Ilustrações: © Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8470-095-0

Depósito legal: 376 602/14

1.ª edição: Junho de 2014

Para o Luís.

Obrigado por me ensinares
que é a amizade o alicerce para um grande amor.

AGRADECIMENTO

Aos leitores-beta que transformaram esta história.
Ao meu editor, por acreditar em mim.
A todos os que me lêem e escolhem ficar com este livro.

*Vive como se fosses morrer amanhã.
Aprende como se fosses viver para sempre.*

Mahatma Gandhi

PRÓLOGO

Numa pequena ilha, onde a água há séculos tenta subjugar a terra construída pelo homem, um caminho estreito e empedrado leva até a uma livraria cujo nome, de tão discreto, se apaga na memória dos que por lá passam.

No seu interior revestido de prateleiras de madeira, um Livro permanece esmagado entre tantos outros semelhantes a ele, todos pacientemente enfileirados, pacientemente aguardando o dia da partida.

O que diferencia este Livro dos restantes que o acompanham é que ele não aguarda a mão humana que lhe dará a liberdade. Ele é provido de liberdade.

O que aguarda ele? É a história que vou contar.

A ilha de que vos falo é Veneza, e estas as palavras que iniciam o Livro...

Antes do início do Tempo, quando os Filhos do Homem eram ainda crianças, um anjo lutou pela conquista da própria liberdade.

O nome desse anjo era Lúcifer, e muitos outros anjos o seguiram.

Da rebeldia, nasceram batalhas eternas entre seres imortais.

Lúcifer e o seu exército não podiam morrer, mas podiam Cair.

No Final, Lúcifer Caiu, e todos os seus anjos Caíram com ele.

Foi o início do novo tempo. O Tempo em que os derrotados se juntaram aos Filhos do Homem na Terra e o escrutínio começou.

Caçados, julgados, sentenciados, e exilados; os que outrora haviam sido anjos transformaram-se em sombras caídas dos mortais que um dia os haviam adorado. Meros espectros vazios de seres celestiais.

PRIMEIRA PARTE

*Assim será no fim do mundo: os anjos virão e separarão
os perversos dos justos.*

In A Bíblia, Novo Testamento, Mateus 13:49

TEMPO DO PASSADO

Londres, actualidade

O tempo tem um estranho senso de humor. Não interessa qual o momento, é sempre cedo demais para umas coisas, tarde demais para outras, mas nem por isso tudo deixa de acontecer.

Henrique tentava segurar-se ao pouco que restava da tranquila dormência do sono. Ainda não queria a consciência de volta, era cedo demais, mas o som ininterrupto das teclas do computador voltava a ser o som do despertar. Não precisava de abrir os olhos, nem debruçar-se sobre o beliche por baixo do seu, para ver o rosto compenetrado de Pedro a fitar o monitor do computador.

Ao longo dos minutos, os dedos ágeis insistiam em dar voz ao teclado e mantinham o murmurinho no ar.

Era impossível voltar a adormecer.

«Não tinhas entregado o último trabalho ontem?!», perguntou Henrique em protesto.

«Sim, sim.» Veio a resposta distraída sem dar descanso às teclas.

Bolseiros universitários em Londres, nos últimos anos, ambos tinham-se habituado à ausência de horários para comer, dormir, estudar, ou qualquer outra coisa fora do plano de aulas; mas com o final do curso dias antes, Henrique tinha esperança de que, tal como ele, Pedro pretendesse passar as últimas duas semanas de vida académica com um bónus de normalidade nos dias.

«O que te faz estar acordado às...» Ao pegar no telemóvel para saber as horas, Henrique esfregou os olhos incrédulos. «... cinco da manhã?!»

«Estou a arranjar uma noiva!» Veio a revelação entusiasmada. Com uma gargalhada, Pedro deu um pontapé no colchão do beliche de Henrique. «Ou pensas que vou voltar para Portugal sem ter uma *lady tuga* à minha espera!? Além disso, o desgraçado daquele gato pôs-se outra vez a miar à nossa janela que nem uma sirene para surdos.» Mais um pontapé. «Só mesmo tu consegues dormir com aquele pulguento.»

«Pára lá de dar pontapés no colchão!»

«Não sejas rabugento!», devolveu, trocista. «Ainda vais chorar por mim quando fores sozinho para os *States*.» As teclas continuavam e o silêncio de Henrique ficou maior. «Já sabes quando vais para Stanford?»

«Não.» A resposta veio abafada pela almofada. *Cedo demais...*

«E quando vais saber? Precisas de tratar da papelada toda...», comentou.

«Não sei... ainda não dei uma resposta...» *Cedo demais... cedo demais...*

O teclado ficou mudo pela primeira vez. «Estás doido!? Pensei que estavas no gozo quando disseste que tinhas dúvidas. É Stanford, porra!!! *No time for cold feet!*»

Henrique suspirou e deixou a cama num salto até ao chão, tentando fugir ao assunto. «Não quero falar sobre isso.» Pedro abriu a boca com intenção de não obedecer, mas ele impediu-o, decidido. «A sério! Não quero falar.» Voltando as costas ao beliche, procurou a roupa e os ténis de corrida no meio do caos de desarrumação masculina do minúsculo apartamento. Sala, quarto, escritório e cozinha, todos partilhavam a mesma área; a *kitchenette* apenas parcialmente protegida por uma parede e o quarto de banho, o único privilegiado com uma porta.

Preciso de ir correr, pensou Henrique, vestindo-se e ansiando a liberdade da corrida matinal.

Sem mais uma palavra, pegou no *iPod* e saiu, deixando Pedro para trás, ainda com um aceno de cabeça desaprovador e o som cadenciado do teclado.



Na rua, a noite mantinha tudo em profundo silêncio. Enquanto procurava a playlist *Running* no *iPod*, Henrique sentiu na pele a frescura das últimas brisas da madrugada. Vou mesmo sentir falta disto, pensou, nostálgico, ao estender o olhar ao longo do passeio de betão. Era o silêncio deserto, as árvores, os candeeiros públicos cansados e a sua iluminação amarela, toda a paisagem que o rodeava, a companheira imutável de corrida naqueles anos.

O que Henrique mais desejava era que tudo continuasse igual.

Um movimento ao seu lado denunciou o pequeno gato preto que infernizava as noites de Pedro com serenatas miadas. Tinha aparecido do nada semanas antes e depressa se transformou em mais um detalhe que se juntava à imagem de nostalgia. Henrique sorriu para os olhos felinos, que pareciam sorrir de volta, e deixou-os a observarem-no. Como nos dias anteriores, ele estaria ali quando regressasse a casa.

Ao colocar o *iPod* na fita do braço, Lisa voltou-lhe à memória, a ex-namorada; fora um presente dela no último aniversário, há quase um ano. Talvez devesse ligar-lhe, pensou, com algum remorso pela forma como terminara o namoro, sem conseguir dar-lhe pelo menos uma razão concreta para o ter feito.

A música dos Linkin Park preencheu-lhe os ouvidos e focou-lhe o pensamento no ritmo certo para a corrida.

Não valia a pena mentir. Ele não queria procurar Lisa. Aquela era só mais uma ideia, a juntar a muitas outras em que se apanhava nos últimos dias na esperança de conseguir uma razão suficientemente forte para justificar uma recusa a Stanford. Era no que mais pensava: uma razão que lhe permitisse esconder do mundo a cobardia em enfrentar um novo desafio, num país desconhecido, numa faculdade tão prestigiada que o fazia sentir-se insignificante, com pessoas estranhas ao lado das quais as suas capacidades de aluno brilhante ficariam ofuscadas e todo o trabalho académico dos últimos cinco anos pareceria banal.

Cedo demais..., pensava. Não estava preparado para um novo passo.

Mas restava a dúvida mais assustadora: será que alguma vez estaria?

Em poucos minutos, Henrique já transpirava, embora não distinguisse qual a percentagem causada pelo esforço e qual a percentagem causada pelos medos e ansiedade.

Os Linkin Park foram substituídos pelos Fun, e depois por novas músicas, num mesmo ritmo acelerado e enérgico de corrida. A noção de tempo perdeu-se à medida que conseguia esvaziar a mente e entregar o controlo temporário aos músculos que o mantinham em movimento.

Sem se darem a perceber, a noite passou o testemunho ao dia, e deixaram o sol da manhã de Junho como novo companheiro.

Nos passeios, começaram a juntar-se cada vez mais pessoas, a roubar o espaço com a sua presença, afastando o silêncio, e empurrando Henrique de volta ao apartamento.



Ainda com os olhos felinos que o receberam à entrada do prédio na memória e um sorriso divertido por ver um gato agir como um cão, Henrique entrou no apartamento e viu Pedro. «Isso deve ser mesmo amor!», comentou, em tom de troça, ao encontrá-lo na mesma posição em que o deixara duas horas antes.

«Quem sabe se não vai ser esta a minha noiva!?» O sorriso era uma mistura de confiança e desafio.

«Há quanto tempo a conheces?», perguntou. Sabia que a resposta viria em unidade de dias ou até horas.

«Dois dias...», respondeu, como se se tratasse de um feito.

Com uma pequena gargalhada vitoriosa pela aposta privada, Henrique comentou enquanto pegava num copo de água: «Então está garantido. Esse é o tempo médio de um noivado no mundo ocidental...» E depois de levar o copo à boca, perguntou, curioso: «Ela é ocidental?»

«Podes gozar à vontade!» Pedro ignorou a crítica implícita. «O que interessa é... a *intensidade*...», declarou, dando ênfase sonhadora à palavra. «Se fosse uma questão de tempo, tu e a Lisa estavam prestes a casar-se.» E fitando Henrique com o mesmo ar de troça que ele usara consigo, acrescentou: «Oh! Agora me lembro... foi exactamente por isso que terminaste o namoro com ela!»

Henrique atirou-lhe com um jornal, que estava esquecido na mesa da *kitchenette*, em resposta à provocação, e foi tomar duche.

Na casa de banho, olhou o reflexo no espelho e obrigou-se a encará-lo. Há muito que não enfrentava o estranho que o olhava de volta e viu que ele parecia tão surpreso como deveria. «Tudo vai mudar», garantiu aos dois.

Queria guardar a sua imagem naquele momento de encruzilhada, mas quanto mais tentava guardá-la na memória, menos real lhe parecia.

Fossem quais fossem as suas decisões nas semanas seguintes, uma importante fase da sua vida terminava ali.

«Vai correr tudo bem...», murmurou para o espelho.

A água quente no chuveiro continuava a cair e o vapor veio apagar o segundo rosto, mas o pensamento mantinha-se lá. Ele não podia continuar a ser a mesma pessoa. Era tarde demais.



Ao regressar à sala, mais relaxado de corpo, mas não de mente, Henrique viu que Pedro apenas se tinha mudado da cama para a secretária de vidro que partilhavam, uma das peças de mobiliário que mais espaço ocupava no apartamento.

«Pronto, rendo-me!», anunciou ao encontrar o amigo ainda hipnotizado pelo brilho do monitor. «Agora estou curioso. Deixa-me ver a beldade.»

Pedro sorriu e puxou-lhe a cadeira convidando-o a juntar-se-lhe. «Olha-me este *avião*! Rafaela», disse, pondo no ecrã a foto de uma rapariga morena seminua, cujo peito volumoso e falta de pudor eram os primeiros atributos a fazer-se notar.

«Será que é mesmo ela, ou foi buscar a foto a uma revista porno!?!», perguntou, com riso abafado.

Pedro deu-lhe um encontrão com o ombro. «Respeito! É a minha futura noiva», voltou a dizer, mas esquecendo-se de disfarçar o ar de troça. «Esta foto não está na *net*, ela enviou-ma por *mail*», esclareceu.

«Assim já fico mais descansado.» Henrique não abandonava o tom sarcástico. «Só depois de te conhecer há dois dias é que te enviou imagens mais íntimas.»

«É uma menina decente», assegurou Pedro, tentando manter um ar sério. «Olha a página de Facebook...»

«Gosto dos corações rosa-choque.» Henrique escondeu mal o sorriso com a mão. Embora fosse obrigado a admitir que a página com as novas fotos de Rafaela a fizessem parecer uma rapariga comum de vinte e dois anos, a aura de depravação continuava lá. Ele não percebia muito o que movia o amigo. Pedro era um verdadeiro sucesso social. Embora num primeiro olhar a imagem pudesse ser idêntica à de Henrique, quando ganhavam vida tudo neles estava invertido. Tinham-se conhecido logo na primeira semana de aulas, e uma empatia inexplicável juntou duas pessoas de personalidades, origem e objectivos de vida que em nada combinavam. Foi nessa altura que Henrique soube que nem só os mais carenciados recebem bolsas de estudo, que amigos no Governo abrem muitas portas mesmo a alunos medíocres, e que o seu novo amigo era o *menino de ouro* de Viseu.

Quando, nessa mesma semana, Pedro visitou o minúsculo apartamento no centro de Londres que Henrique arrendara num arrojado golpe de sorte, tendo em conta a localização e o preço, ficou apaixonado pelo prédio de construção pós-Segunda Guerra, e propôs-lhe um negócio irrecusável. Em poucos dias, os novos amigos estavam a viver juntos. Pedro abandonou o apartamento de construção moderna nos subúrbios comprado pelo pai e mudou-se, acompanhado por uma televisão gigante, som de cinema de última geração e um incontável número de *gadgets* que depressa tomaram conta do pouco espaço que restava.

De temperamento calmo e afável, Henrique não se incomodou com a confusão que acompanhava Pedro para onde quer que este fosse, nem com as minifestas que se auto-organizavam de um momento para o outro em homenagem à personalidade extravagante do amigo.

Naqueles sete anos, a amizade crescera e tornara-os os melhores amigos um do outro. Graças à generosidade financeira do pai de Pedro, Henrique não só tinha a renda totalmente paga como ainda reunira das sobras uma admirável soma em libras para o futuro; e Pedro, cuja única verdadeira paixão era a Internet e as tecnologias, teve no colega de quarto o explicador a tempo inteiro que lhe permitiu a classificação suficiente para passar nos

exames, concluir o *Master* com sucesso, e evitar ser deserdado pelos pais. Ambos tinham encontrado no outro o sócio que precisavam em terras de Sua Majestade.

«É linda...», continuava Pedro a divagar, passando várias fotografias e exibindo a sua conquista.

Henrique ria-se, não estava preocupado com o amigo, sabia como ele colecionava aquelas estranhas relações *online* em paralelo com as *não online* que lhe ocupavam o resto do dia, e a Rafaela não era em nada diferente de tantas outras que a precederam.

Mas num pequeno instante, numa das muitas transições de janelas no monitor, um pequeno quadrado quase imperceptível no meio de tantos outros com fotografias continha um rosto que lhe roubou o sorriso. «Pára!»

Pedro saltou com o susto e quase deixou cair a cadeira tal foi a proximidade e o volume de voz da ordem. «O que foi?»

«Volta atrás», pediu Henrique, agitando o dedo junto ao ecrã como se fosse possível fazer o amigo obedecer-lhe mais depressa.

«OK», assentiu, já recuperado do susto e afastando-se para ganhar uma distância de segurança. «Voltemos atrás. O que procuras?»

«Eu conheço-a», murmurou, apontando o pequeno quadrado no monitor. «Sara.» O nome que há anos se tinha obrigado a esquecer parecia-lhe totalmente novo.

«Se a conheces, eu também vou passar a conhecê-la», disse Pedro, com um sorriso de investigador e clicando na fotografia. «Ups!», lamentou-se logo de seguida. «Privado. Não dá para ver mais do que a foto do perfil... mas se a conheces envia-lhe um pedido de amizade», sugeriu.

O olhar de Henrique estava colado ao rosto de olhos negros que sorria no ecrã e a sua resposta saiu arrastada: «Não sei...»

«Vamos lá ver se ela está por mais algum lado», disse, abrindo o Google e pesquisando *Sara Liz*. «Maldito gato!!!», gritou para a janela.

Só Pedro ouvia o miar do gato, que voltara para a varanda. No escasso segundo que a pesquisa demorou, o sangue de Henrique ganhou velocidade nas veias e disparou-lhe o ritmo cardíaco de expectativa. Pedro, como sempre, tinha mais interesse nas potenciais fotografias a descobrir e seleccionou o filtro de imagens.

«É ela.» Henrique não queria acreditar ao ver a mesma fotografia ligeiramente ampliada. Era uma no meio de uma multidão de «Saras», só para ele era única.

«Aqui está», vangloriou-se o aspirante a *hacker* que vivia dentro de Pedro quando também viu a foto segundos depois. «É só fazeres *log in* e enviases o pedido», disse, afastando-se para lhe dar acesso ao teclado. Vendo que Henrique não se movia, perguntou, desconfiado: «Tu conheces mesmo a rapariga, ou estavas a *reinar* comigo para me obrigares a deixar a minha Rafaela pendurada no *chat*?»

«Conheço», garantiu. Mas em vez de aceitar a oferta do teclado, levantou-se, fingiu procurar alguma coisa por entre a desarmadura que os rodeava e tentou disfarçar o interesse. «Depois eu faço isso.»

«Como quiseres...», assentiu Pedro, forçando as rodinhas da cadeira a levarem-no de novo ao computador. «... eu cá vou voltar para a minha Rafaela.»

Depois de deambular pelo apartamento, esquecido de que não procurava nada, Henrique subiu para o beliche e prendeu o olhar no tecto.

Sem pedirem autorização, memórias de um passado distante regressaram em imagens que ele julgava já apagadas.



O sol de Inverno desafiava com brilho e intensidade o frio que por direito acariciava a praia em manhã de Janeiro.

Henrique corria, espalhando risos felizes por entre as gaivotas, forçando-as a deixar o areal e a voltar para o seu voo plano no céu azul.

A areia húmida e fria sob os pés fazia-lhe cócegas na pele, multiplicando os risos e a liberdade que a inocência oferece às crianças.

Gargalhadas que não eram dele pareciam persegui-lo.

Quando olhou para trás, encontrou o rosto sorridente de Sara. Ela também corria. Braços pequenos esticados tentavam alcançá-lo. Ele sorriu ainda mais ao vê-la sorrir.

Tropeçando nos próprios pés, Henrique caiu na areia gelada e Sara caiu por cima dele. Os seus rostos ficaram próximos, ambos corados da corrida, olhos brilhantes de riso.

Foi então que ele a viu como nunca antes a tinha visto e como nunca mais conseguiria deixar de a ver.

Os longos cabelos caídos ladeavam-lhe o rosto entre duas cortinas de oiro; escassos raios de sol entreviam-se tornando mais profundo o negro dos olhos dela. O som da respiração acelerada de ambos e o bater dos corações eram tão intensos aos seus ouvidos que conseguiam abafar o som da rebentação das ondas revoltosas do mar do Norte.

Os sorrisos desvaneceram-se com o secretismo que nascia daquele momento, Henrique estava preso na cortina de oiro, no olhar que o segurava e apagava o que era antes daquele instante, e foi então que Sara se aproximou e juntou os seus lábios.

Tinham dez anos, e no secretismo deserto da praia das Rochas Negras viveram juntos o primeiro beijo.



Henrique acordou com a respiração ainda ofegante e o cheiro a maresia que não sentia há mais de sete anos. As memórias não o tinham deixado o dia todo, nem num breve adormecer, continuando incansáveis e mais reais do que nunca em sonhos.

Os acordes da música de abertura da série *Dexter* no toque de chamada do telemóvel trouxeram-no de volta à realidade. Procurando o *Samsung* por entre os lençóis, tentou normalizar a voz e atendeu com rapidez. «Hello.»

«Alinhas numa noitada hoje?», perguntou a voz entusiasmada de Pedro.

Henrique passou a mão pela cara, afastando o sono, e do topo do seu beliche olhou o apartamento vazio. O computador continuava ligado sobre a mesa de vidro, mas sem Pedro.

«Onde é que te meteste?!»

«Estou com o Mark no Starbucks. Ele diz que consegue pôr o nosso nome na *questlist* de um bar novo em Piccadilly. Queres vir, ou não?»

«Pode ser...», concordou, sem grande entusiasmo. As saídas à noite tinham dificuldade em seduzi-lo; um bom filme e algumas pipocas no conforto do pequeno sofá do apartamento pareciam sempre mais tentadores.

«Deal! Daqui a cinco minutos 'tou de volta!», despediu-se Pedro, desligando logo em seguida.

Com a noite a espreitar do outro lado da janela, voltaram o gato e o miar.

Henrique saltou da cama na tentativa de deixar para trás as incómodas memórias de infância. Sentiu-se paranóico por ter a sensação de que o ecrã luminoso do computador o fitava em desafio. Aproximou-se e fechou-o; mas antes de a sua mão o largar, voltou a abri-lo. Olhou-o. Passados dois segundos, voltou a fechá-lo. *Estou a ficar louco!*, pensou, abanando a cabeça e tentando colocar as ideias em ordem.

«Pára!», implorou para o gato na janela. Apesar de ele estar do lado de fora, era como se o vidro não oferecesse qualquer protecção.

Pegou num exemplar do terceiro volume de *O Senhor dos Anéis*, que lia mais uma vez, e deitou-se no sofá. Mas, naquele final de tarde, os seus olhos fugiram por várias vezes dos caminhos rectos das letras no papel branco em direcção aos dois computadores pousados na secretária de vidro, nem a épica batalha de Minas Tirith conseguiu prender-lhe a atenção.

AVENTURA

Como seria de esperar numa sexta-feira à noite, Piccadilly irradiava energia, dominada pelos turistas e pelos companheiros da noite que se começavam a espalhar pelas muitas filas de entrada para os clubes e bares.

Em dias comuns, Henrique tinha dificuldade em encontrar entusiasmo nos cenários iluminados e barulhentos da noite. Naquele estava a revelar-se uma tarefa ainda mais heróica.

O grupo de amigos com quem estava dispersara-se pelas pistas de dança ou pelos bares que mantinham o álcool a circular pelos vários pisos, e a falta de habilidade natural em conhecer novas pessoas aliava-se à falta de vontade para o manter sentado num dos recantos esquecidos da discoteca.

De minuto a minuto, Henrique olhava a sua única companhia, um copo de vodca limão, e levava-o até à boca para garantir ao mundo que estava vivo. Logo que o copo voltava à mesa, deixava o corpo afundar-se na poltrona almofadada e o olhar perder-se mais uma vez na parede de luzes coloridas de Piccadilly, do outro lado da janela.

A memória do primeiro beijo com Sara pareceu desfigurar a realidade e fazê-lo sentir-se a pessoa errada no local errado. Com esse toque de memórias voltou também a promessa que acompanhara o último beijo.

*Portugal, sete anos antes*

«E amanhã é o grande dia.» Sara olhou as malas já fechadas junto à porta do quarto de Henrique. «Acho que só agora acredito mesmo que te vais embora...»

«Vá lá, não sejas sentimental», pediu ele, ao guardar a mão dela entre as suas. «Com o fim do secundário, íamos ter de nos separar de qualquer forma. Se eu não fosse para uma faculdade em Londres, ia para uma em Lisboa ou em... Trás-os-Montes!» disse, simulando um sotaque acentuado para a fazer rir.

«Tens razão», concordou, com um novo ânimo e dando uma volta pelo quarto. «Algum dia tínhamos de aprender a viver um sem o outro!»

«Sim», riu. «Nascemos lado a lado no mesmo quarto de hospital, praticamente ao mesmo tempo, e desde que nos conhecemos *por gente* que somos amigos. Está na hora de eu te dar umas férias!»

«Os *melhores* amigos!», rectificou ela.

«Claro, os *melhores* amigos», concordou.

«Sei que se calhar vai ser difícil continuarmos como somos hoje, mas... nunca te vou esquecer, Henrique.»

«Nem eu», garantiu ele, e acrescentou, em tom de brincadeira: «Depois de nos vermos todos os dias nos primeiros dezassete anos da nossa vida... talvez fosse difícil esquecermo-nos mesmo que quiséssemos!»

«Vamos fazer uma promessa aqui e agora!», desafiou Sara.

«Que promessa?» Estava mais cauteloso do que curioso.

«É assim», começou, os olhos presos aos dele com entusiasmo, «se no dia em que fizermos vinte e cinco anos, nenhum de nós for casado, tiver filhos, uma profissão estável, ou qualquer coisa séria que nos prenda... e não interessa o sítio no mundo onde possamos estar», vamo-nos encontrar e fazer a *Road Trip* por Itália... de verdade!»

Ele sorriu. Aquela era uma boa promessa. Nos últimos anos tinham construído um fascínio conjunto formado por escritores e pintores italianos, monumentos em Itália, comida italiana, lendas da Toscana, aventuras em Roma, tesouros em Veneza... um

mundo de colecionismo que começou numa tarde chuvosa de Inverno com um filme que ambos descobriram na biblioteca. *Roman Holiday*, com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

«E se formos pobres e não tivermos um *chavo* no bolso?»

Ela piscou-lhe o olho. «Não acredito que pelo menos um de nós não consegue meia dúzia de trocos em sete anos! Eu peço um empréstimo aos meus pais se for preciso. Não há desculpa! Tens de aceitar!»

«Combinado!» Henrique ofereceu-lhe a mão com entusiasmo, mesmo não acreditando que a viagem algum dia fosse acontecer.

Sara aceitou-a, apertou-a na sua, num cumprimento cordial, e sem aviso elevou-se em bicos de pés e juntou os seus lábios num beijo rápido. «Boa viagem. Não te esqueças de dar notícias.»

Ela desapareceu como uma brisa. Antes que Henrique tivesse tempo para a sentir, estava sozinho de novo.

O primeiro beijo infantil de manhã de Inverno nunca foi falado nem esquecido.

Depois de anos de um amor platónico que tinha começado sobre a areia e debaixo do céu azul das gaivotas, Henrique teve de novo os lábios de Sara, para os voltar a perder. Agora não restava mais tempo, cada um seguiria o próprio caminho.

Para se proteger da desilusão certa na história romântica do amigo pobre que se apaixonou pela amiga rica, Henrique guardou no esquecimento a idílica promessa de reencontro.



«Henrique! Henrique!», Pedro gritava por cima do som ensurdecedor da música. «Adormeceste de olhos abertos com este barulho?», perguntou, sarcástico.

Arrancado à força da memória deixada no seu quarto de adolescente, Henrique reparou finalmente nas duas loiras que ladeavam o amigo. Podia não ter muita experiência de vida nocturna, mas a inclinação que o corpo das duas mantinha era garantidamente sinal de que a qualquer instante lhes ia sair da boca algo mais do que palavras e sorrisos embriagados.

«Tenho de me ir embora», disse Henrique, levantando-se de rompante e desaparecendo por entre a multidão que se movia ao som da música.

Habitado a não perceber o companheiro de quarto, Pedro passou os braços em redor da cintura das loiras e apertou-as contra si. «Parece que vamos ser só nós os três!», anunciou, com um sorriso, satisfeito.

Na rua, Henrique já olhava o relógio no pulso para confirmar que ainda era possível apanhar o metro no regresso a casa.

Em poucos minutos entrou no apartamento e, sem sequer parar para pousar as chaves ou tocar no interruptor para ligar as luzes, foi até à secretária e abriu o portátil. Tomara uma decisão e precisava de a concretizar antes que tivesse tempo para a repensar.

«Não estou à procura de desculpa nenhuma», assegurava-se, convicto.

Faltava pouco mais de uma semana para o aniversário de vinte e cinco anos, o seu e o de Sara. «Ela deve estar no mínimo... noiva, ou, tal como eu, com algum grande projecto em mãos! Só quero saber como está... que tipo de amigo de infância seria eu se simplesmente ignorasse que a tinha visto!?»

Na página do Facebook, repetiu a busca de Pedro, encontrou a página de Sara e clicou no pequeno botão azul. «*Add friend*»

TEMPO E SONHOS

Portugal, actualidade

Uma manada de elefantes vermelhos invade o estádio. Gigantes, eles correm... o chão treme sob os pés dos adeptos de olhar aterrorizado. E então... os elefantes transformam-se em jogadores de futebol americano e a multidão vibra! Ahhhh, ahhhh... As últimas descobertas na mutação genética continuavam a superar tudo e a surpreender todos; pessoas transformavam-se em animais e animais transformavam-se em pessoas. O planeta estava transfigurado e a raça humana... condenada... não, sentenciada... não...

O cursor intermitente piscava, uma e outra vez, a aguardar que Sara se decidisse quanto ao futuro da humanidade. « Raios! », praguejou para o monitor. « E cá estamos nós outra vez! Sempre, e ainda... *block, block, block!!!!* »

A noite caíra há várias horas, era a quarta vez que tentava escrever o início do primeiro capítulo daquele que deveria ser *o novo livro*, e o resultado era sempre o mesmo: olhar preso ao cursor do Word e nenhuma ideia de como o fazer mover-se. Vários suspiros depois, fechou o portátil e ficou com mais uma frustração para juntar à colecção de textos abandonados.

Melhor ir beber um copo, pensou, pegando no telemóvel. *O álcool pelo menos nunca falha... alegria garantida em estado líquido...*

Com um suspiro revitalizador, ouviu com atenção os três toques de chamada até serem substituídos pela voz ensonada da irmã.

«Não devias estar a dormir?», perguntou Isabel ao atender o telefone.

«Estou com insónias», mentiu. «Não queres ir beber um café com a tua irmã preferida?»

Um bocejo antecedeu a resposta. «Já estou na cama e tu também devias ir para lá e não para um bar.» Ela sabia o significado de café para Sara depois da meia-noite.

«É sexta-feira à noite!», reclamou. «É quase Verão! A praia fica a dez minutos de carro, pelo menos quando sou eu a conduzir, e um número ilimitado de festas aguardam-nos! Vou buscar-te aí ao quarto.»

«Não!», pediu de imediato. Se a irmã fosse ao seu quarto, sabia que não ia resistir-lhe e só voltaria a casa de manhã. «O pai ainda está acordado, vais arranjar-nos problemas. Que tal amanhã!?», sugeriu, com esperança de que fosse o suficiente para saciar o espírito folião da irmã.

«Tu és muito chata. Quando estás na faculdade também és assim?! Aposto que não há ninguém que te ature!», ponderou num momento de silêncio. «Combinado», acabou por concordar, sem grande satisfação. «Dorme bem.» O suspiro de alívio de Isabel foi o último som ao desligar.

Olhando a garrafa de vinho sobre a mesa da *kitchenette*, deixou o telemóvel junto ao portátil e disse, com um sorriso resignado: «Parece que vamos ser só nós as duas esta noite.»

Com um copo na mão como companhia, Sara saiu para a noite quente no jardim e sentou-se no velho banco de mármore apreciando a Mansão em frente iluminada por pequenas luzes. Eram quatro andares de paredes cobertas por trepadeiras que culminavam em três telhados bicudos de diferentes dimensões. Lá dentro viviam os pais, a irmã, Isabel e, até há três anos atrás, também ela. Hoje olhava uma das janelas, imaginava o seu quarto de infância vazio, e temia o momento em que teria de voltar para ele.

Nas últimas semanas, o dia em que regressara da faculdade, vinha à memória de Sara com mais frequência. Na mochila trazia o manuscrito original de um romance elogiado por todos os professores e o sonho de vir a ser escritora. O pai lera-o e também ele concordara que ela tinha talento. Em resposta ao seu pedido de

liberdade para crescer e se encontrar como pessoa, ele reformulou a casa da piscina nas traseiras da mansão, oferecendo-lhe todas as comodidades para que ali pudesse viver sozinha como desejava e escrever *o grande romance*.

Mas a oferta de liberdade e a oportunidade de perseguir o sonho vieram com um prazo de validade de três anos. Era esse o prazo para se pôr à prova, para mostrar que conseguia aquilo que se propusera. Em menos de duas semanas, o prazo ia terminar e Sara ainda estava para escrever um romance completo. O dia do seu aniversário de vinte e cinco anos aproximava-se, a marca do tempo mais visível do que nunca, o falhanço daqueles anos, o *grande romance* que estava mais longe do que algum dia poderia imaginar e o tiquetaque de um relógio que só ela ouvia.

Ao voltar-se para a sua pequena casa envidraçada, olhou através das amplas portas de vidro até ao portátil sobre a secretária. Nele estavam dezenas de romances inacabados, escritos naqueles três anos, apenas um completo; o único que trouxera de Lisboa, o único elogiado por todos os que o leram, o único que Sara se recusava a publicar.

Bebeu mais um gole de vinho e libertou um longo suspiro. «Tenho de admitir: acabou. Não consigo... não consigo mesmo... não antes de...» Passou uma mão pelo rosto. «...Não há tempo.»

Esquecidos o copo e a garrafa no manto verde-escuro do relvado, deitou-se sobre o banco de pedra, respirou o ar puro daquela noite de Primavera com cheiro a eucalipto, ouviu o bater lento do seu coração e afastou os pensamentos para a imensidão do céu estrelado. Havia uma certeza invejável nas estrelas, elas estariam sempre lá, mesmo que ninguém as olhasse, antes de ela existir, depois de deixar de existir. A indiferença com que a olhavam de volta fascinava-a.

O som do telemóvel puxou Sara para o mundo real e levou-a de volta para dentro da casa até onde o tinha deixado.

Ao ver que era André, atendeu já com um sorriso. «Boas!», disse, entusiasmada, por saber que ia escapar à sua própria companhia. Tudo o que precisava era de quem a desafiasse para uma noite amnésica.

«Estamos à tua espera.» Veio a voz pesada de André. Referia-se ao pequeno grupo de amigos que tinha como única actividade

e gosto comum a vida nocturna. Era o convite que Sara tanto ansiava e que a ia resgatar de uma má noite.

Ela riu-se. «Então não vos vou fazer esperar mais!», garantiu.

«Em cinco minutos passo aí. Tenho de tratar de um assunto e posso dar-te boleia.»

«Está bem. Mas não te esqueças de desligar as luzes. Da última vez tive de ouvir o meu pai durante uma semana.»

«Fica descansada», disse, desligando em seguida.

Sara olhou o portátil desligado com remorso e acariciou-o, com saudade na ponta dos dedos. Tinha-o há cinco anos e nele escrevera todas as suas histórias. Uma parte dela cobrava-lhe que voltasse a sentar-se na cadeira branca da secretária e que continuasse a tentar escrever; a outra parte relembrava-lhe que o seu tempo estava contado e era tarde, tarde demais para resgatar algo que fizesse a diferença. E essa parte, essa outra parte que a ameaçava com os ponteiros dos segundos e lhe atirava com as páginas do calendário, falava agora mais alto.



Como é do conhecimento de todo o jovem adulto, é de manhã que se paga a diversão da noite que a precede, com um estômago bem embrulhado e uma grandiosa dor de cabeça a combinar. Ao início da tarde, Sara teve a bonificação de ver Isabel a invadir-lhe a casa num passo decidido e com uma energia que era um insulto à sua ressaca monumental do dia.

«O pai vem a caminho!», anunciou Isabel, com um sorriso luminoso.

Sara não teria saltado da cama mais depressa se a irmã tivesse gritado *fogo*. «Porquê!?!», perguntou, desorientada com o movimento súbito. Ao afastar o emaranhado de cabelos negros que lhe tapavam a visão, percebeu o sorriso satisfeito da irmã, que a observava de braços cruzados junto à porta de vidro. «Tu até podes ter cara de anjo, mas és um demónio!», desabafou Sara, deixando-se cair de novo na cama.

«Não sejas ciumenta!» Isabel aproximou-se, ainda com um sorriso satisfeito. «Nesta família só há lugar para uma ovelha negra e tu já roubaste o lugar!» Com uma gargalhada, juntou-se a Sara na cama. «Sabes que podia ser verdade, e se fosse ele...»

«Siiimmm eu sei!!! ... blá, blá, blá...», concordou, com um suspiro. E, esboçando um sorriso ensaiado, olhou a chávena na mão de Isabel. «Trouxeste-me remédio! Que querida...», murmurou, já hipnotizada pelo aroma a café.

Oferecendo-a, Isabel piscou-lhe o olho. «*Nespresso*.»

«*Fortissio Lungo*...», murmurou, levando a chávena branca aos lábios, fechando os olhos e saboreando o intenso gosto amargo e torrado.

«*What else?*», completou Isabel, com outra gargalhada, e levantando-se para sair. «Mete-te debaixo do chuveiro. A mãe pediu para jantares connosco», disse junto à porta.

«Mas...»

«Sim...», interrompeu, sabendo em avanço qual o argumento de contestação que se seguiria. «... é sábado à noite. Mas foi a mãe que pediu... vá lá. Upa!»

Com vários sons que pretendiam ser protestos, Sara arrastou-se para fora da cama, mostrando que fazia intenção de obedecer ao pedido. *Devia saber que o Nespresso ia ter um preço!*, resmungou apenas em pensamento.

«Linda menina!», elogiou Isabel, com um sorriso de despedida e fazendo deslizar a porta atrás de si, fechando-a.

A caminho do chuveiro, Sara fez uma pausa junto da secretária. O acordar tinha sido demasiado violento. Sentou-se na grande cadeira giratória em forma de ovo e, bebendo mais um gole de café, abriu o portátil. Em silêncio, esperou que o computador ficasse operacional enquanto dava tempo à cafeína para fazer o milagre em si mesma.

Apesar da lentidão própria da idade, o computador foi o mais veloz.

Consultou o *e-mail* à procura de alguma festa de última hora para essa noite, imaginando que quando conseguisse escapar do jantar com a família, como sempre o mais breve possível, queria sair para um novo cenário e não passar mais uma noite no bar de sempre, com as caras do costume.

Numa primeira procura não encontrou nada, apenas os incontáveis e irritantes *e-mails* de anedotas e vídeos cómicos que deixava para abrir nas noites de insónias, que se tornavam cada vez mais a regra do que a exceção.

De súbito, parou num *e-mail* e os olhos deixaram de piscar ao ler o que estava escrito no assunto: «Henrique Neto adicionou-te como amigo/a no Facebook.»

Sara afastou a chávena da boca e os seus lábios moveram-se pronunciando o nome que a voz não conseguiu acompanhar: «Henrique.»